



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**CLÁUDIA MARINS DE SOUZA E
LUIZ ROBERTO MALHEIROS ARAUJO**

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-670

Entrevistados: Cláudia Marins de Souza e Luiz Roberto Malheiros Araujo

Nascimento: 25/08/1964 e 01/01/1963

Local da entrevista: Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Niterói - RJ

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

Data da entrevista: 19/03/2016

Transcrição: Luiza Loy Bertoli

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Ivone Job e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 48 minutos e 2 segundos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação dos entrevistados; Envolvimento com Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); O PELC em Niterói; Atuação no Ministério do Esporte; Implementação do PELC em Niterói; Relação com prefeituras municipais; Política pública de esporte e lazer; Formação dos formadores; Inclusão social; Atuação com a diversidade; Legado do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Niterói, 19 de março 2016. Entrevista com Cláudia Marins de Souza e Luiz Roberto Malheiros Araujo a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiro eu gostaria de agradecer a vocês por esse tempo, sei que o dia foi cansativo. E eu queria que tu começasses Luiz, falando um pouquinho do teu envolvimento e da tua formação com a temática do esporte e do lazer.

L.J. – Sou formado em Educação Física, tenho uma história de atleta na adolescência, na juventude dentro da faculdade, depois virei técnico trabalhando com handebol, esporte escolar. Meu envolvimento com o lazer veio muito mais em função do PELC¹ em Niterói, quando eu comecei a ter contato com esporte e lazer, a temática, a história, o conhecimento veio do PELC Niterói. a partir de 2003. Depois disso fiz pós-graduação, em 2010 começou o mestrado e terminei em 2012.

P.J. – E como surgiu esse convite do PELC e o seu envolvimento com o Programa?

L.J. – Na relação que a gente fez com a graduação e a Educação Física escolar na UFF², com o Luiz Otávio³. O Luiz Otávio foi do Ministério⁴ para ser diretor do Departamento de Políticas Públicas de Esporte e Lazer, e quando surgiu o Programa ele continuou. Ele precisava de uma pessoa em um dos projetos piloto e pensou em Niterói porque era a possibilidade de a gente coordenar. Tinha uma parceria boa com a prefeitura e a possibilidade de acontecer com qualidade, com apoio da prefeitura local, com um grupo que tinha conhecimento razoável para poder realizar.

P.J. – E como foi essa implantação do piloto PELC aqui em Niterói?

L.J. – Eu fico pensando como é que as coisas aconteceram porque a gente recebeu um Programa. Vocês têm doze agentes de esporte e lazer, coordenador, são quatro, tem seis ou

¹ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

² Universidade Federal Fluminense

³ Luis Otávio Neves Mattos

⁴ Ministério do Esporte.

sete serventes nos serviços gerais, e é para fazer uma coisa bem diversificada. Aí a gente, eu falo “a gente” porque eu e a Cláudia pensamos muita coisa juntos.

C.S. – Eu posso ir entrando na conversa?

P.J. – Sim, vocês podem ir entrando.

C.S. – Eu acho que fica melhor se for uma conversa.

P.J. – É, pode ser a mesma pergunta.

L.J. – Muita coisa a gente fez e pensou junto. Bem, nesse momento quem foi que deu a ideia, quem foi que apoiou, de quem foi a ideia, como foi sendo construído. Eu estudei numa escola em Niterói toda a minha vida, que além do ensino, tem um trabalho muito forte tanto na Educação Física quanto na Educação Artística, além da Música. Então, minha formação como pessoa, na formação escolar, foi toda com um entrosamento entre o esporte, a música, a arte, eu sempre gostei disso também. Quando eu me formei fui jogar em outros lugares, fui trabalhar nessa mesma escola. Então, a Cláudia também tinha essa coisa muito forte com as três vertentes do lazer e a gente nem pensava dessa forma, né? Então na ideia do PELC, a gente pensou nisso, em termo de atividades esportivas, mas a gente queria ter algumas coisas ligadas à arte. Achava importante ter a questão do cineclube.

C.S. – Uma questão importantíssima dessa escola que é referência pra gente montar projeto com esse desenho, é que era uma escola de horário integral e que trabalhava com projetos integrais. Essa linguagem integrada de pensar em espaços integrados, em grupos diversificados, não é novidade pra gente; pelo contrário, uma coisa que tanto ele vivenciou como aluno, quanto eu que vivenciei como professora. Então era professora de Educação Física, mas que tinha essa abrangência multidisciplinar muito bem elaborada, praticada, bem vivenciada, vamos dizer assim. Tanto que a equipe que nós montamos de coordenação, tinham coordenação de Educação Física, de Música, de Arte. Tinham três coordenadores, já pensávamos o PELC assim. Isso era um diferencial que os outros não tinham.

L.J. – Tinha um coordenador da área, os coordenadores dos núcleos que eram pessoas diferentes para gente ter conhecimentos de linguagens diferentes na hora de planejar. Então eram pessoas diferentes, mas eram pessoas da arte, do esporte, da música.

R.R. – Quem trabalhou como agente social na época, junto com vocês, e como eles foram selecionados para o trabalho?

L.J. – Existia um perfil de pessoas que tivessem relação com o esporte, numa visão ampliada dos esportes, não professor de futebol, professor de vôlei e de basquete; queríamos pessoas que pudessem trabalhar com linguagens diferentes do esporte, comunidades diferentes que pudessem... A gente dizia para as pessoas, mesmo que inicialmente, seja uma escolinha de futebol que é assim que vai chamar, mas a atividade não é de escolinha de futebol, a atividade é o esporte. Você tem que diversificar essa atividade, porque você vai ter diversos tipos de interesses e perfis diferentes para participar. Se for só uma atividade com perfil de uma atuação, o perfil dos alunos que vão participar vai ser o mesmo, você vai restringir a participação no projeto. Então tinham professores com essas características e que soubessem a mesma coisa sobre a arte, não precisava saber só sobre desenho, tinha lá com linguagens diferentes.

C.S. – E teatro.

L.J. – É, teatro. E a gente tem condições de receber o público que a gente acha importante. A gente não colocou inicialmente um por núcleo, mas contratou um agente que deveria trabalhar nos quatro núcleos. Ele marcava um dia pra ir lá.

C.S. – Uma agenda.

L.J. – Uma agenda, passar filme, discutir. Então foram contratados pensando com esse perfil. É evidente que não era suficiente, era a prefeitura quem tinha as indicações das pessoas que iam participar, ficavam encaixando: “Ah, esse aqui é filho de não sei quem...”; “Esse aqui é indicado por não sei quem...”. A gente não tem problema de lidar com isso, a gente lida bem, tem só que avisar, reunir todo mundo. Agora aqui não tem filho de

vereador, não tem indicado, não tem vereador aqui. Aqui todo mundo trabalha e se não estiver bom, vou avisar ao seu vereador que não está indo bem e que tem que trocar e vai ser muito ruim pra você. Tinha isso e todo mundo era só currículo, acontecia um pouco disso também, mas tinha bastante liberdade, a gente conseguiu uma equipe.

C.S. – Fazer uma equipe que foi realmente muito boa.

L.J. – Tudo na coordenação, tinha coordenador que indicava a gente disse: “Impossível, não dá”. A gente trocou.

C.S. – Trabalhar com essa característica tinha de fazer uma boa execução. As pessoas percebiam, até faziam alta avaliação, tinha um trabalho que estava sendo bem executado, por todas as coordenações, pelas visitas, pelas propostas, pelas discussões. A gente tinha esse parâmetro, vamos dizer assim, para que as pessoas percebessem esse ponto. Então isso era tranquilo. Acho que tanto no primeiro quanto no segundo que a gente renovou. Foi uma equipe muito boa, a gente teve trabalho, tanto de coordenação, não tinha uma Secretaria de Esporte que apoiasse. Pelo contrário, a relação foi tão política que a gente tinha uma Secretaria que às vezes fazia resistência, porque era de outro partido. Mas nós tínhamos um prefeito que era PT⁵ e realmente todas as questões eram assim mesmo. Todas as questões impeditivas do financeiro, que a gente via que emperrava, a gente ia direto à secretaria de planejamento e resolvia as coisas, porque isso era um fator determinante. Bolsa atrasada, pagamento atrasado, isso esvaziava muito.

L.J. – Só deixa admitir uma coisa. As razões de eu ter vindo direto pra cá, foi justamente isso, o pessoal do Ministério sabia que o governo ia apoiar e quando você fica indisposto por qualquer problema, o secretário fala: “Olha só, vai acontecer, eles vão fazer, e se você apoia...” Aí fica tudo bem. Sai uma foto, põe seu nome, não tem problema nenhum, mas vai sair uma coisa bem feita, que vai ser feita por eles. Então a gente tinha essa coisa que aconteceu então a gente teve a possibilidade... Não tem muito apoio, então, era uma coisa que continuava, eu depois de entrar no Ministério, ficava encarando muitas coisas que não podiam fazer e a gente pegou uma lista de material, em um minuto estava aprovada lá,

⁵ Partido dos Trabalhadores.

depois o pessoal do Ministério veio falar que não era assim, que não se pode pegar uma lista de material aprovada pelo governo e ignorar essa lista e comprar outras coisas.

C.S. – Mas isso não era uma característica do projeto piloto. Eu acho até que a gente tinha também uma possibilidade assim, que, é... Eu lembro que no meu primeiro pagamento quando liguei para o Carlos Roberto⁶, ele nem me conhecia ainda. Liguei e falei assim: “Como é que você pagou? Como fez pra pagar porque o dinheiro já está no banco!” E ele: “Ah, um tal de RPA⁷”. Dizia: “Mas a gente chega lá para Bagé, a gente sabia: nada”. Essa parte principalmente da apresentação de corda e vídeo, aprendeu tudo, porque até o próprio Ministério também acaba dando liberdade para a gente aprender essas coisas.

P.J. – E como é que foi a escolha para implementar o PELC aqui em Niterói?

L.J. – Nós recebemos pronto. Recebemos quatro administrações. Só que era diferente. Atualmente são doze administrações, você não tem o que fazer com doze agentes sociais, não tem. Como sempre tem interesse político! Começamos a ocupar outros espaços, outras comunidades, outros agentes, a fazer subnúcleos. Todos os núcleos têm pelo menos um subnúcleo, alguns até dois subnúcleos, pra gente dividir. Fomos ampliando locais que tivessem alguma estrutura algum local que desse apoio para a execução, porque também não adianta pedir: “Ah faz aqui”; “Aqui onde?”; “Aqui no campo”; “O que vamos fazer?”; “Hoje tem aula de arte”; “Hoje tem não sei o quê”; Aí fala: “Faz aqui na minha casa”, eu falei: “Você está louca?”.

C.S. – [risos].

L.J. – “Eu nem sei onde é sua casa, não é bem assim não”. Então assim, eles tinham lugares com estrutura, tinha educação, mas tinha isso: “Faz aqui, ali, aqui”.

R.R. – Niterói é uma dessas cidades de maior densidade demográfica. Vocês acreditam que nessa experiência de vocês faltou muito das outras orientações que foram dadas aos demais convênios, porque na época desses pilotos tinha o rural, o ribeirão, o sertão e a

⁶ Carlos Roberto Wedman.

⁷ Recibo de Pagamento a Autônomo.

metrópole, que é praticamente Niterói. Qual é o acúmulo que trouxe essa experiência de Niterói para o projeto PELC?

L.J. – A gente sempre foi informada do que foi importante, por exemplo, foi a gente quem começou, e outras pessoas dizem: “Parece que foi passado depois de tudo”. A gente comprou uma televisão na época. Depois, eu lembro que estava lá, a gente pensou em comprar um *data show*, um *home theater* e fazer isso com mais qualidade. Então a gente fazia com uma previsão, essa diversidade, a gente tem impressão que isso influenciou outras execuções também, mas eu nunca soube concretamente alguém falar: “Eu soube que você estava fazendo e a gente fez também” ou alguém falar: “Isso serviu de exemplo.” No início alguém deve ter pensado assim... “Provavelmente viu que vocês estavam fazendo e fez também”. A gente já ouviu dizerem algumas coisas...

C.S. – É. Inclusive, porque até pela inexperiência, a gente informava muito do que estávamos executando. A gente tinha um diálogo muito aberto, principalmente com o Luis Otávio.

L.J. – Andréa⁸ também e o Marcelo⁹.

C.S. – É, a Andréa e o Marcelo também. Serviam isso tanto para as dúvidas, quanto para as experiências. Quando a gente estava fazendo o certo, a gente também ligava, supervisionava, dizia se estava superinteressante, tudo que a gente estava fazendo e tal. E eles não percebiam isso, num grupo, eles falavam assim: “Quando o Niterói fez isso e deu certo, aí depois as pessoas...” Isso aqui agora é um espaço de muita troca porque como estão todos iniciando, a gente conversa informalmente, a gente não tinha uma coisa registrada, mas o verbal e o informal, era muito grande. E a coisa também das formações, eu acho que nós tínhamos também essa coisa de ter um calendário de formação onde a gente se reunia toda sexta-feira com todas as pessoas.

L.J. – Essa era a posição de ser contratado. Sexta-feira à tarde você tem que estar disponível, porque tem reunião do grupo.

⁸ Andréa Nascimento Ewerton

⁹ Marcelo Pereira de Almeida Ferreira [Marcelo Russo].

C.S. – Para gente fazer essa diferença, e as pessoas já sabiam e vinham falar assim: “Olha, eu não posso sexta-feira”, então você pode até esquecer.

L.J. – Não tinha nenhuma determinação de que isso acontecesse, pelo menos não que a gente soubesse.

P.J. – E qual era o conteúdo dessas formações, desses encontros, as temáticas como que elas eram desenvolvidas?

L.J. – Eram atividades esportivas recreativas, era arte... Não era arte-educação, eles tinham os nomes, eu sei que era algo de artes, não era de futebol, era de esporte não-sei-o-quê. A gente fazia algumas coisas para tirar o foco de um ensino formal. E uma coisa interessante que aconteceu é que a gente se reunia toda semana também com os coordenadores, na Secretaria¹⁰, onde dava! Não era isso aqui, isso aqui é uma estrutura muito legal da Secretaria, era embaixo de um palco, uma concha acústica tinha aqui, também em cima de um palco e a gente começou a ver que a Secretaria... Os outros quando vieram da Secretaria, começaram a depois de um ano veio de lá e depois de tempo metendo o pau na gente começaram a fazer reunião com os coordenadores deles também. Eles chegavam: “Oh, esse aqui é o coordenador”. E eles estavam todos reunidos esperando [risos]. Porque funcionava, não tinha muita diferença, o que acontecia em Niterói na Secretaria, o pessoal percebia que o projeto acontecia, tinha acompanhamento do projeto. Estava lá, sabia o que estava acontecendo sempre. Os coordenadores passavam pra gente, a gente organizava eventos, a gente não conseguiu aprofundar muitos termos. Eu pessoalmente acho que não tinha tanto conhecimento pra aprofundar alguns temas.

C.S. – E para quebrar essa questão de um universo exclusivo de que a música era só música e de que a arte era só arte, essa coisa da imagem integrada, pra gente era assim imprescindível. A gente tinha que ter iniciativa, tem sempre o professor de Educação Física que é mais de resistência, e a hora que a gente vai com cuidado; então era até mais tranquilo. Mas pra você ver uma questão que agora veio na minha mente, é que depois nós dois fomos para o Ministério, em Brasília. O projeto continuou aqui sem que a gente estivesse, e com as coordenações de início. Então pra você ver, isso foi realmente muito

¹⁰ Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Niterói.

interessante. Eu não estava mais aqui, acho que a professora Graça¹¹, é uma professora que seria interessante que ela estivesse dando esse depoimento, porque era uma pessoa muito importante com a arte e que fazia muita diferença em todas as atividades que a gente fazia.

L.J. – E outra coisa que eu acho que a gente fez diferença, porque no primeiro vídeo do PELC, a gente teve uma atuação grande no vídeo. Muita coisa que aparece ali é de Niterói, até entrevista, algumas fases importantes do vídeo da Cláudia de falar sobre o PELC, tinha umas falas muito importantes no vídeo. Uma coisa legal, na época não tinha tanta noção, então, isso mais dessas coisas a gente acha que fez que chegou a influenciar um pouco, na interpretação e na estruturação do PELC, onde a gente foi mais problematizado, mais individualizado.

R.R. – E a questão das várias faixas etárias, masculino e feminino, como é que vocês...?

L.J. – É, isso é um problema. [risos] Para o professor de Educação Física misturar é uma dificuldade muito grande. A gente conseguia fazer eventos... Não tinha mais, mas mesmo assim, a dança de salão tinha mais gente mais velha, a dança do *hip-hop* já era um pouquinho mais jovem, música bateria, tinha um grupo. A gente não conseguiu uma coisa muito intergeracional que na atividade em si, tivesse grupos com faixas etárias muito diferentes. Consegui juntar eventos com os diferentes e tinha em depoimentos de família, em que a mãe estava no vídeo, ali outros momentos. “Oh, eu vim trazer meu filho para o futebol” ou para não sei o quê. E aí vem aqui e fica na aula de artes. Acabou que eu fiquei aqui com o filho, às vezes nem sabe... Não tinha isso. A mãe quer trazer, a gente falava: “Isso é importante”. A atividade não é pra um segmento, é comunidade toda. Por isso que é diversificada, a diversidade de atividade facilita tua diversidade na comunidade participante, não focar só num público.

R.R. – Atualmente tem aqui no PELC Niterói ou por enquanto está....

L.J. – Em tese tem. Tem um convênio enorme aqui em Niterói, em torno de três milhões de reais, a gente teve que aceitar dois anos para contratar e não conseguimos contratar, já teve processo seletivo, foi cancelado, já teve de novo. Executando, que eu saiba, não teve

¹¹ Nome sujeito a confirmação

mesmo, porque tem que ter formação para começar e não teve formação. A UFF também fez um convênio maior ainda, de cinco ou seis milhões de reais que é, por exemplo, pra Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, sei lá onde, que chegou a ter formação, mas que também acho que parou e teve que devolver o dinheiro.

R.R. – É, o Edmundo¹², falou ontem na entrevista dele.

L.J. – É. Então assim, executando, não tem.

R.R. – E assim, vamos... Vocês chegaram a trabalhar... Ficou alguém ligado lá na comunidade?

C.S. – Bom, eu não faço ideia, porque... Primeiro, sobre aquela história da comunidade, a gente não conseguiu mais que uma terceira formação, uma segunda direta. A gente fazia isso independente, então isso não fica muito, e segundo que eu acho que o gestor faz muita diferença. O secretário mudou quando muita gente já estava lá, quer dizer, ficou um momento, mas eu acho que continuidade você tem muita política local, porque o Ministério sai e você continua. E eu não vi isso aqui em Niterói. Inclusive depois, quando eu saí de tudo, teve uma ausência enorme do governo seguinte, que foi muito ruim para Niterói.

L.J. – A Secretaria de Esporte, não sabe trabalhar com lazer, isso é muito difícil. Por exemplo, aquelas pessoas indispostas a treinar hoje em dia, continuam os jogos escolares. Eu tenho uma ótima relação com o secretário, ele tem maior respeito por mim, eu tenho por ele, por várias vezes a gente conseguiu brigar pra que fosse ter prática pra esporte e lazer. A gente conseguiu colocar o lazer no plano, mas eles resistem a isso, porque enfim, não sabem o que significa isso. O que significa uma atividade de lazer, servir pra comunidade, significa uma política de esporte, para falar a verdade, é difícil até saber exatamente o que significa uma política de esporte, política pública de esporte para cidade. Então, um tem, para ficar a gente, sempre no instante de pensava nisso também, como é que a gente faz um programa, não ser pra passar igual um cometa?! Aquela coisa que vai lá e: “Ah! passou e não fica nada”, é uma coisa difícil. Eu acho que não ficou. Talvez tenha

¹² Edmundo de Drumond Alves Júnior.

ficado pra algumas das pessoas que participaram. Eu não tenho dúvidas que para muitos agentes sociais e coordenadores, o Programa fez uma diferença enorme na formação deles, como pessoas e os que são profissionais como profissionais. Isso eu tenho certeza. Talvez pra alguns dos participantes também, mas, ter ficado uma marca na comunidade, ter mudado a comunidade, eu acho que não aconteceu.

R.R. – Tu tiveste real oportunidade de participar mais diretamente da coordenação do PELC e, esse teu olhar de quem iniciou o PELC e depois acompanhou a evolução da política pública. O que tu teria a nos dizer sobre a política pública do PELC? O que isso significa? O que significou pra ti, pra gestão, ou governo federal, pra permanência enquanto política de estado?

L.J. – Sim. Na minha formação foi decisiva, vejo muita diferença. Eu, quando PT dentro do governo, pensava o seguinte: “O que o governo que não é de esquerda”... Não acho que o PT seja exatamente de esquerda: “O que o governo que é de esquerda faria diferente no esporte”? Eu não tinha muita ideia do que podia ser. Então, conhecer a proposta do PELC, de lazer e depois conhecer os autores... Na formação quem primeiro veio o Victor¹³ e a Diná¹⁴, a gente começou a ter mais contato sobre o que significam os estudos de lazer. Depois foi o Edmundo. Então, na minha formação foi muito importante como gestor de política pública que eu fui, porque nos ministérios, porque aqui né... Do que pode fazer diferença do trabalho... Que um trabalho esportivo pode fazer diferença numa sociedade, numa comunidade, e o lazer tem importância nisso. No Ministério, política pública no governo federal é muito mais difícil de fazer efeito no país inteiro, sempre se faz isso em quatro ou cinco anos, ou sei lá, seis anos. Eu acho que você precisa consolidar algumas coisas, tanto no local, você precisa ter alguns locais durante bastante tempo para consolidar a política ali, pra comunidade começar a entender a importância daquela política de esporte na comunidade; quem dirá a comunidade não acha isso importante, no Ministério também tem uma população de rua e é difícil falar pra população de rua, sabe... Eles estão brigando por casa, por comida, por atendimento, por médico não levar, pra não ser acordado com jatos de água na cabeça, pro SAMU¹⁵ atender eles... Porque eles vão achar importante uma política de lazer? Então assim, é difícil, e eu acho que é o extremo; é o extremo do

¹³ Victor Andrade de Melo

¹⁴ Diná Teresa Ramos de Oliveira.

¹⁵ Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

segmento que é invisível pra sociedade, mas nas comunidades mais estáveis também, não é prioridade, eles querem... Se só os homens estiverem jogando futebol deles lá no campinho e as mulheres não estiverem fazendo, isso precisa ser mudado. Eu acho que a gente não conseguiu ter tempo suficiente para consolidar a política de lazer que o governo achasse importante manter e que a sociedade achasse importante para o governo manter. Eu acho que faltou tempo e faltou dinheiro, a gente tinha muito pouco, então, se estava em muitos poucos lugares. Então é mais um recurso que as pessoas queriam ter, porque todo município quer receber recurso, quer contratar alguém, quer poder fazer alguma coisa qualquer que seja pra sua comunidade, mas eu não consegui perceber que fiz diferença com política. As pessoas com memória vão ajudar a você daqui um tempo para resgatar isso e dizer: “Olha só, imagina se tivesse um pouquinho mais de recurso.” Se o governo tivesse visto importância disso, pra sociedade. Entendido a importância do direito ao lazer, do acesso às manifestações culturais, era o que a gente queria trazer pra parte da comunidade. Mas acho que o governo também não entendeu isso com tanta importância.

R.R. – Na questão da formação dos formadores, de todo esse movimento que foi feito, continua a investir nos formadores dos agentes. Como é que vê isso?

L.J. – Se tem uma coisa que eu acho que deixa a marca, é a formação. Eu acho que deixou, quem passou pela formação no PELC, teve... Quem conversa com aquela pessoa não vê que não continua a mesma, eu acho que quem passou pela formação do PELC não continua o mesmo profissional. Então tem uma diferença, deixa uma marca, deixa um... Pode ser outro caso não fez volume, mas de uma forma geral, quem passou por aquele processo de formação com execução ao mesmo tempo, de questionamento e avaliação, fez diferença como profissional e como pessoa, porque são olhares diferentes. Eu, na primeira vez que eu vi o filme *Olhos Azuis*, foi um impacto. A primeira vez que eu vi *Tempos Modernos* com *Charles Chaplin* num processo de formação, isso mexe com a gente. Então eu acho que para as pessoas que participaram daquilo, não fica na pessoa, é diferente. Mas o bom é que é pouco, se for ver, a população e do próprio segmento profissional é pouco, mas eu acho que fez uma diferença absurda, acho que a estruturação do processo de formação foi melhorando. Hoje em dia eu estou meio afastado, não sei como é que está, o que está

acontecendo, mas independente do processo, eu sei como é na UFMG¹⁶, é um grupo que tem competência, as coisas continuam acontecendo de alguma forma. Eu acho que provavelmente continue fazendo a diferença pra quem passa por isso.

C.S. – É, eu acho que é exatamente como a gente fazia no nosso planejamento, eu acho que é quando você tem um espaço para que sua intencionalidade naquilo que você está fazendo. Quando você está com a intenção de... Então essa coisa do momento em Brasília ainda mexe, o encontro que a gente fazia, depois passou a fazer uma coisa na região Sudeste, foi um modelo que mudou. Foram os últimos modelos quando a gente começou a fazer as questões regionais. Quando você percebe que precisa parar o tempo, aí vem a intenção para aquela política pública, de que maneira você está atingindo ou não. Tem que haver isso. E eu acho que essa troca entre os lugares, eles vão se perceber que assim é possível fazer. Aí se vai demorar, você desanima. Quando você troca e a pessoa relata, diz o que aconteceu, eu acho que isso faz com que você continue, você avança um pouco mais. Você perpetua um pouco mais, porque se você ficar isolado, sozinho, fazendo, recebendo ou... Às vezes já aparecendo e executando, não é só executar; política pública não é só execução. É engraçado que eu estava ouvindo um relato das coisas que a gente tinha muito além das discussões conceituais, a questão do relato da própria experiência, é... Eu me lembro de quando a gente fez o primeiro evento um dos pontos importantes do PELC era que a gente, ao final, tivesse um evento acontecendo de todos os grupos, tivesse que contar que aqui em Niterói, é um parque grande, e onde ele fica meio é que elitizado assim, Icaraí¹⁷. E a gente não tinha noção de que algumas comunidades não conhecessem esse parque, não tivessem nunca ido, não tivessem acesso, porque é tão comum a gente conhecer o Campo São Bento¹⁸ aqui em Niterói que não passava por nós esse tipo de coisa. Para surpresa minha, porque a gente chegou lá cedo com ônibus, fizemos uma estrutura enorme, com várias reuniões, várias secretarias, tivemos apoio da resposta da Secretaria, foi uma experiência incrível pra mim, porque eu nunca vi uma política pública tão integrada quando a gente fez no evento domingo no parque, mas quando uma comunidade que a gente tinha um núcleo que agora é Alarico de Souza, que desceu do ônibus, ele chegou sete horas da manhã, porque era também importante para gente que essas pessoas contassem os espaços; a gente não chegava lá só pra que a gente ficasse, mas no evento

¹⁶ Universidade Federal de Minas Gerais

¹⁷ Bairro nobre do município de Niterói.

¹⁸ Parque Prefeito Ferraz, Icaraí.

quem estava era muito mais para as outras pessoas do que para a gente. E quando eles desceram do ônibus e olharam aquela gritaria de criança chegando, aquele barulho diferente no parque, e você ouvir o depoimento da pessoa: “Eu nunca vim aqui, olha...”, o primeiro momento foi de euforia, até eles ficarem... A gente tinha um mapa onde cada, era...

L.J. – Atividade acontecia.

C.S. – Acontecia, é. E também por núcleos, um núcleo era responsável por uma atividade tal, outro núcleo era... Então estava no mapa onde cada um podia ficar.

L.J. – A gente ouviu uma música *Domingo no Parque* e a gente separou ela em temas. Tinha a parte do amor que tem uma relação de casal, tem a parte da violência que é o assassinato, tem a parte da dança. A gente tentou dividir os quatro núcleos, cada um ficou com um desses temas, e fez uma atividade relacionada a esse tema. Tinha um palco. E no parque a gente separou as atividades, então tinha um lugar que tinha atividades de criança, tinha queimada, tinha de rua. A gente tem lá o caminho das artes quanto aos trabalhos que o pessoal fez com carinho. Chegava em outro lugar que tinha o palco, as apresentações, ficou muito legal. E aí nesse dia ficamos impressionados, porque não tinha noção, a gente acha que as barreiras para o lazer são apenas financeiras, mas às vezes não é. As principais barreiras esse espaço não é meu, esse espaço é da minha cidade, onde qualquer um entra na hora que quiser. Não é um espaço em que eu posso decretar, porque é um espaço num segmento que a minha comunidade se sinta a vontade. Então a gente percebeu sem querer, porque a gente não tinha essa noção.

C.S. – A gente não tinha essa noção.

L.J. – Como que abrir aquele espaço, foi e fez diferença para aquela comunidade, porque eu quero chegar na parte da cidade que eu não ia. Foi uma diferença grande também, mas fez na comunidade Para aquele pessoal, para que não falte continuidade, a gente pega noção dessas coisas, de repente investir em outras ações desse tipo, a gente fez também o evento de Natal, uma versão nossa, do que é pra nós um sonho de Natal, e no final, no meio dessas atividades todas, um casal de bailarinos se propôs a fazer de graça a

apresentação para as crianças de uma parte do Quebra-Nozes. As criancinhas que a gente achou que não teria saco de ver, eu acho que eram as mais fascinadas com os bailarinos dançando, foi muito bonito! A gente achou que eles não iam gostar, mas eles ficaram sentadinhos e botaram o cotovelo ali no palco e ficavam olhando admirados. Que maravilha, foi muito legal! Depois a gente vinha direto e não tinha tanta noção de como isso era distante para aquelas crianças, como elas iam gostar disso, como a gente devia dar o acesso para essas coisas. Faz parte da construção de uma sociedade melhor, exceto essas condições. Então foram as coisas boas que se fez e deixaram marcas na gente e ali, só que foi assim: fez falta dar continuidade.

P.J. – E nesse sentido vocês acreditam que o PELC como política pública inclui o papel da inclusão social do direito ao esporte, por exemplo?

C.S. – Não tenho dúvida, eu sei como é. Isso é internalizado da pessoa que usufrui desses direitos, mas que as possibilidades fossem dadas para que essas vivenciassem isso, eu não tenho dúvida. Isso é para o todo.

L.J. – Mas é que cumprir é sempre uma coisa muito forte, porque parece como se fosse uma coisa definitiva. Não é uma coisa definitiva, para ser um pouquinho mais consolidado precisa de continuidade. Então cumprir é muito forte, mas é só a proposta, ela abre espaço para que isso aconteça, eu não tenho dúvida. Acho que abre muito espaço, acho que fez bem, mudou minha visão de gestão pública, acho que a cultura do esporte não precisa pensar no acesso ao lazer, nem na forma integrada do esporte com outras manifestações culturais, acho que não existe um esporte consistente que faça diferença pra comunidade, pra uma sociedade, que ela se propôs se não tiver isso. Essa é uma diferença que o esporte fez na minha vida, e eu acho que as pessoas que passam por isso tendem a isso aí. Acho que tem que ter.

C.S. – Tem alguns coordenadores que a gente tem contato até hoje. Se tivesse oportunidade de serem entrevistados, eu vou falar: não tem, nunca teve uma coisa melhor, ou igual. [risos].

R.R. – Agora os contatos de vocês será que a gente tem a oportunidade de num futuro entrevistar Victor Melo, e o pessoal da comunidade, tentar construir isso aí.

L.J. – É, pra você ver, foi no meio do campeonato.

R.R. – [riso].

L.J. – A gente vai para reunião com esse pessoal, eles se encontram, vão lá em casa, a gente marca, eles vão lá, a gente conversa, eles mostram o que tem de trabalho, a Graça tem muita coisa.

R.R. – Eu vou, mas antes de encerrar. Cláudia fala um pouquinho da tua experiência quando entrou, na época do PELC. Como foram essas vivências com o lazer, tua história com o esporte e lazer?

C.S. – Eu também fiz a faculdade de Educação Física, foi pela UFRJ¹⁹, me formei na década de oitenta. Ou seja, o movimento da Educação Física estava naquele burburinho de ressignificar, de emancipar as pessoas. Então isso estava muito fresco na minha cabeça, e aí fui para o Centro Educacional de Niterói, uma referência em educação integral. Então tinha muita necessidade, pela minha formação na UFRJ, por esse campo que existia na década de oitenta que foi quando eu me formei e caí em escola experimental. Isso me qualificou muito para trabalhar no PELC, acho que o Luiz Otávio quando pensou na gente, quando a gente fez a pós-graduação, porque as nossas discussões nesse grupo de estudo, era enviar para gente uma referência, onde se contavam coisas que eram diferentes no universo do professor de Educação Física normal, mais padronizado, não sei, o que saiu um pouco do padrão. Nós éramos sempre muito críticos, sempre fomos muito emancipadores, criativos e abertos às questões reflexivas, então, eu acho que o Luiz Otávio viu nisso essa possibilidade. Quando começamos eu não tinha menor noção do que seria uma política pública e o que é ser gestora, não tinha, confesso que não tinha. Claro que pegamos um governo que deu possibilidade de estarmos executando isso de maneira bem feita, vamos dizer assim. E a partir daí, eu acho que como fomos muito bem, foi bem sucedido, de um projeto para outro. Eu acho que isso me fez buscar harmonia. Como eu

¹⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

sou uma pessoa que acredita nas coisas, então eu busco, me relaciono. A gente acredita no que a gente faz. Eu acho que foi por aí e depois disso quando fui fazer a formação do PELC, que eu fiquei como formadora do PELC, eu fui para Brasília para uma secretaria que também era influenciada e trabalhava com diversidade. Fiquei trabalhando com o MEC²⁰ em uma auditoria que eu passei para ser consultora do MEC. E aí, eu abri um universo em relação a diversidade. Essa aí realmente muito da visão que eu tinha do que era o esporte, e ampliei quando trabalhei com essas questões sociais. É que é uma coisa que a gente também tratava com o PELC. Trabalhei com pessoas envolvidas com a educação... Fiz meu mestrado em Educação e agora também estou querendo fazer o doutorado, que eu acho que é a segunda época que eu pretendo pra mim, fazer o doutorado, e foi por aí: com estudo, com lazer, com projetos sociais, com direito, com políticas públicas sociais de acesso.

P.J. – Acha que a diversidade foi trabalhada no PELC?

C.S. – Na universidade?

R.R. – A diversidade.

C.S. – Ah, diversidade. Olha, acho que a primeira diversidade que a gente teve em relação ao PELC, foi o escritório sem um pobre e rico, a gente tinha alguns lugares, você tinha, vamos dizer assim... A classe média utilizando o primeiro acesso, aí alguns lugares tinha... Aí daqui, pessoas da classe média davam aula e a gente nas ações sociais que nós liberamos para a comunidade, acho que a diversidade da pobreza e da riqueza, nos perfis que a gente tinha de grupo, fez a gente perceber isso. Depois a gente fazia, provocava um setor do Ministério com os nossos estudos. Deixa eu pensar um... Essa questão do idoso, que a gente tinha a questão do plano nacional, e a química lá, a gente tinha um programa que é Viva Idoso que só trabalhava com os idosos, era um segmento a parte; e o PELC entrou e rompeu com isso, ou seja, rompeu no sentido, fazer as apresentações e alguns eventos nesse Viva Idoso, nesse espaço de interação e convivência. Naquela época estava ainda o outro do Centro de Convivência dos idosos, e ele fez as convocações, e interessante que nessa apresentação mesmo do parque, os idosos entraram num bonecos, a

²⁰ Ministério da Educação.

gente fez uns bonecos de arte, eles estavam debaixo dos bonecos, ninguém sabia que eram idosos e estavam lá dançando. Quando viram que eram idosos, ficaram surpresos: “Eram idosos que estavam dançando!” E era engraçado assim. Tinha um senhor que era mal-humorado, rabugento, ele falava assim: “Não, eu sou [trecho inaudível]”. Quer dizer, eu acho que a diversidade é perceber que todo mundo é diferente, você vê a diferença do outro que você tem que respeitar, não é só você perceber a diferença do outro, é respeitar a diferença que o outro tem, e se ver igual à medida que você é diferente também. Então eu acho que o PELC... Eu sempre falo isso: eu trabalhei no Segundo Tempo²¹ no Esporte na Escola, e a Andréa²² até me levou lá, porque eu entendia que a escola também tinha que tratar dessa temática, e você não vê a escola nesse campo na Educação Física trabalhando assim, e via exatamente isso, que a gente tem que entender que a sociedade é adversa, é multi, é plural, não é única, não é arrumadinha e certinha, não existe isso na relação entre duas pessoas. Então, o PELC me ajudou muito a entender isso e a vivenciar essas coisas; o interessante do PELC é que ele te dá uma vivência, porque é lazer, é acesso. Só para aproveitar: no fim, a base de tudo é o prazer. Então as pessoas vêm, as pessoas chegam.

L.J. – Sobre a questão da adversidade, eu acho que nenhum problema estivesse acontecendo, ou a diferença, ou algo que não pudesse conviver, isso nunca foi um problema, nunca apareceu. Nas atividades talvez tivesse, mas não lembro de ter que resolver para pessoa decidir as coisas. Era adverso das características das pessoas e do segmento, era diferente; e nunca apareceu para gente outro coordenador como se tivesse acontecendo algum estranhamento em relação a isso. O que a gente não conseguiu, apesar do núcleo ser na Associação Niteroiense de Deficientes Físicos, na ANDEF, nem no celular foi ter a participação de um deficiente. Fiquei pensando que mesmo sendo lá, a gente não conseguiu.

C.S. – Ao entrar no Ministério queríamos induzir a ter um percentual, mesmo que fosse mínimo, de pessoas com deficiência, mas a gente não conseguiu estabelecer essa meta, acabava sendo um pouco fictícia e a gente abriu mão, porque estabelecer que tinham pessoas que faziam convênio com essas associações absurdas para atender ou pegar lá.

²¹ Projeto Segundo Tempo.

²² Andréa Nascimento Ewerton.

L.J. – Estatísticas.

C.S. – É verdade.

L.J. – A gente fez um convênio na APAE²³ lá de Apucarana ...

C.S. – E aí a gente viu que estavam desviando, quase que obrigatoriedade, incluindo os deficientes, fazer uma... Remeter com outro que não é, na verdade é um deficiente local.

P.J. – E como era gerir um projeto piloto aqui em Niterói e depois começar a enxergar de dentro do Ministério como o PELC acontecia?

L.J. – Não. O Ministério no início era um susto! O que significa ser gestor de um programa nacional? Mas depois o fato de ter sido gestor do PELC local, facilita a conversa com os outros gestores, porque eu não estou falando de coisas que eu não sei. Então a dificuldade que eles tinham de contratação, de implantação, do coordenador que não entende o que é o PELC, do professor que quer só ir à escolinha e montar um time para competir; tudo isso eu já tinha passado. Precisa ter doze agentes para cada aluno, tinha muita diferença aqui. Então na hora em que isso vira a coordenação nacional, começa a mudar para o país inteiro e as pessoas começam a falar disso, é mais tranquilo conversar com eles, porque eu passei por isso. Então, eu sei muito a diferença. E foi bom, ajudou no início com experiências de outros locais, outras execuções, outros entendimentos, vai juntando com aquela experiência inicial, tem a possibilidade de criar, de consolidar o programa, de ajudar na institucionalização desse Programa, com umas questões legais, se necessárias, com questões de convênio, questões do ensino ser padrão que a gente acha que não precisa ser padrão, que pode ser diversificado, o que pode ser constituído no local, o que precisa ter o mínimo de consistência na ação que é o que se propõem o Programa; então sair daqui para lá, eu acho que sim, foi muito bom ter passado pelo Ministério.

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou que vocês gostariam de comentar?

L.J. – A gente falou do evento que achou legal, a gente fez muito legal.

²³ Programa de Aperfeiçoamento de Ensino.

C.S. – É. A gente faz parte de um relato que nós narramos aqui, claro que de uma maneira muito sintética, muito objetiva, muito pequena, muito reduzida.

P.J. – Então mais uma vez obrigada, coloco o Centro de Memória também a disposição para contribuir no que vocês precisarem.

C.S. – Eu acho que valeria outra rodada, até para vocês verem os espaços e terem noção disso. Mas tem um Parque Palmir Silva que tinha banheiro, um palco, quadra e tal. E tinha o Alarico de Souza que é um morro, se a bola caísse morro abaixo a atividade acabava.

[FINAL DA ENTREVISTA]